

APRENDIZAGEM CLANDESTINA EM “CAVALINHOS DE PLATIPLANTO”, DE J. J. VEIGA

Márcia Machado de Lima (Doutoranda em Teoria da Literatura – UNIR/UNESP)

Resumo: Cavalinhos de Platiplanto traz narradores que abrem possibilidades para pensar as relações entre literatura e formação: a leitura literária incide naquilo que somos (ou, como se chega a ser aquilo que se é), no duplo movimento em direção de si e do mundo, em tempos de violência de toda ordem. Pela experiência nos permitem vivenciar a infância configurada pelas situações, problemas como características próprias dos personagens infantes. Cada menino vive as nuances de relações conservadoras e repressivas que marcavam o contexto dos contos. Temos o narrador na figura do menino que viveu há pouco uma situação que fornece o enredo; temos o narrador adulto que, do alto de sua estatura, relutantemente ou não, conta sua história e misturando-se à reminiscência, volta sutilmente a personagem-menino, de novo em cena a nos surpreender - e dado os recursos do conto - a surpreender-se também e permitir-se viver com o leitor novamente a experiência. Os narradores utilizam recursos para arrastar o leitor. Personalidades distintas, meninos e adultos, que permeiam seus contos: opressores, oprimidos, violentos, omissos, corajosos, solidários, humanos, participam do plano intermediário, mundo imaginário da ficção, permeados de lugares em que nem todos podem circular, mesmo que em algumas situações estejam perigosamente perto. O narrador consegue estabelecer um espaço dentro do espaço, no conto. A organização da passagem para esse espaço dissociado e das relações que acontecem nele funciona como um recurso importante na organização da própria narrativa. No espaço clandestino instala-se o espaço de experiência pela qual a relação entre os adultos e os meninos será afetada. Exatamente nesse espaço clandestino, para onde o leitor é conduzido durante a leitura do conto, cada um deles se refaz e adquire condições para enfrentar, seja lá como for, seus medos.

Palavras-chave: Narrador. Espaço. Aprendizagem clandestina.

Cavalinhos de Platiplanto, a obra de estreia de José J. Veiga (1959). Em revisão bibliográfica, a sua literatura destaca-se porque provocadora da instalação de contexto subjetivo, reiteradamente apontado índice do valor da narrativa veigueana. Identificamos certa regularidade na indicação dos analistas: a característica de encravar a estranheza em situações que evocam as relações cotidianas ambientadas nas pequenas cidades do interior do país. Contudo, reconhecem que se vale de recursos do regional para fazer funcionar o traço característico de sua escrita. Por outro lado, ressaltamos que

um traço constitutivo forte é colocar o leitor em questão naquilo que constitui a natureza humana. Acompanhar as alegrias, agruras, peripécias dos meninos de Veiga afetam e desconcertam o leitor contemporâneo porque mobilizam, nas suas experiências, tópicos ainda presentes nas relações entre a infância, a adultez, tensionadas pela violência e sensibilidade.

Nesta perspectiva, *Cavalinhos de Platiplanto* traz narradores que abrem possibilidades para pensar as relações entre literatura e formação: a leitura literária incide naquilo que somos (ou, como se chega a ser aquilo que se é), no duplo movimento em direção de si e do mundo, em tempos de violência de toda ordem. Pela experiência nos permitem vivenciar a infância configurada pelas situações, problemas e as características próprias dos personagens infantes. Cada menino vive as nuances de relações conservadoras e repressivas que marcavam o contexto. Temos o narrador na figura do menino que viveu há pouco uma situação que fornece o enredo do conto; temos o narrador adulto que, do alto de sua estatura, relutantemente ou não, conta sua história e mistura-se à reminiscência, voltando sutilmente a personagem-menino, de novo em cena a nos surpreender - e dado os recursos do conto - a surpreender-se também e permitir-se viver com o leitor novamente a experiência.

Os narradores utilizam recursos para arrastar o leitor. Personalidades distintas, meninos e adultos, que permeiam seus contos: opressores, oprimidos, violentos, omissos, corajosos, solidários, humanos, participam do plano intermediário, mundo imaginário da ficção, permeados de lugares em que nem todos podem circular, mesmo que em algumas situações estejam perigosamente perto.

O autor consegue estabelecer um espaço dentro do espaço, no conto. A organização da passagem para esse espaço dissociado e das relações que acontecem nele funciona como um recurso importante na organização da própria narrativa. No espaço clandestino instala-se o espaço de experiência pela qual a relação entre os adultos e os meninos será afetada. Exatamente neste espaço clandestino, para onde o leitor é conduzido durante a leitura do conto, cada um deles se refaz e adquire condições para enfrentar, seja lá como for, seus medos.

Concordamos com Sisto (2004) e com Ribeiro (2009) quando indicam a importância do espaço para a estrutura dos contos em *Cavalinhos de Platiplanto* (1959).

É nossa posição que as da infância, da adultez e da violência, quando os meninos passam para o *espaço dentro do espaço*, é possível tecer a análise de como o universo artístico-literário de J. J. Veiga se faz no conto e pensar a experiência do leitor que empreende a leitura literária.

Neste ponto, coloca-se a ideia de aprendizagem clandestina. As considerações anteriores nos aproximaram de Willi Bolle (1997), na análise de *A Idéia de Formação na Modernidade*. A princípio, o estudioso parece evitar o termo **formação** ou o verbo **formar**. Apenas o faz em duas situações. Na primeira frase, para apresentar o seu primeiro interlocutor. Walter Benjamin “no seu livro *Infância Berlimense por volta de 1900*, [...] apresenta um quadro em que a formação da criança se dá essencialmente fora do âmbito da escola.” (BOLLE, 1997, p. 9). Segue uma associação: “[o *tableau* torna-se] aliado da criança na luta por uma *aprendizagem* para a vida” (BOLLE, 1997, p. 9).

O termo associado é *aprendizagem*, que se repete com uma variação. Aprendizagem de certa maneira semelhante à que se dá na instituição oficial. Desta, porém, a criança tem motivos para se distanciar, e ela se engaja numa aprendizagem paralela, clandestina e no fundo muito diferente (BOLLE, 1997, p. 9-10).

Na segunda situação, formação aparece ao final de um argumento. Recuperando as imagens alternativas criadas pelo menino de Benjamin na sua *escrivadinha* e comparando-as à aprendizagem na perspectiva da instituição escolar, Bolle destaca a percepção do filósofo alemão sobre o grau de exigência das outras versões de escola, todas não oficiais: “[...]a escola vislumbra outras escolas possíveis, mais exigentes e mais vivas.” (BOLLE, 1997, p. 11). Quando Benjamin compara a escola alternativa e imaginada pelo menino, distante daquela oficial mas, em contraponto com ela, aparece no comentário de Bolle a palavra *formar*: “Significativamente, uma das imagens da decalcomania de que nos fala a criança do nosso *tableau* mostra” – e agora parafraseando Benjamin – uma “classe atenta ao professor que no quadro-negro lhe *representa* algo” (BOLLE, 1997, p. 11).

Os elementos mobilizados na reflexão de Bolle estabelecem pontos para a leitura dos contos de J. J. Veiga. Os seus narradores fazem supor *certa* aprendizagem como aquela proveniente da experiência, clandestina, ao modo do menino na *escrivadinha*. Os narradores de Veiga produzem as condições para que haja um deslocamento na

passagem do espaço dentro do espaço, considerando-se a natureza das relações que acontecem lá.

Segundo Bolle, o sentido de *formar* liga-se ao **lugar** destinado para isso, envolvendo a **natureza da relação** que se precisa estabelecer com a situação - que o agente (personagem, leitor) precisa estabelecer - para que tenha sentido. A esses aspectos associamos outro: **necessidade de posicionamento crítico** para a compreensão do que está sendo mobilizado. Aparece novo traço constitutivo da formação: a crítica. Por um lado, o lugar, a natureza e o sentido da formação, por outro, a leitura crítica feita pelo leitor. Crítica sobre o mundo e si mesmo.

Voltando para os contos de Veiga, o ambiente das situações que acometem aos meninos nos cria a sensação de lugar próximo, perto, familiar, o que já foi apontado pela crítica especializada. Em uma perigosa convivência estão o menino *dentro* espaço de acontecimentos considerados oficiais, a violência e a repressão pelos adultos e, em algumas situações, apoio de outros adultos. Ao mesmo tempo, porém, o menino está *fora*, por conta do deslocamento. Poderíamos arriscar: *nele, no espaço, em plena clandestinidade*.

Nas palavras de Bolle: “Lugar protetor e lúdico, a escrivanhinha proporciona um olhar [ao menino] de distanciamento crítico sobre o que se aprende na escola.” (BOLLE, 1997, p. 10). E como já citado: “[...] a criança tem motivos para se distanciar, e ela se engaja numa aprendizagem paralela, clandestina [...]” (BOLLE, 1997, p. 9-10).

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, V. M. Conceito e Funções da Literatura. IN: _____. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1969.

BOLLE, W. A Idéia de Formação na Modernidade. In: GHIRALDELLO JR, P. **Infância, Escola e Modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

CANDIDO, A. A Literatura e a Formação do Homem. **Ciência e Cultura**. 24(9). 803-809. 1972a.

_____. Personagem do Romance. In: ____ et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972b



_____. A Nova Crítica. In: _____. **A Educação Pela Noite e outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, A. Literatura e a Vida Social. In: _____. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

DANTAS, Gregório. José J. Veiga e o romance brasileiro pós-64. In: **Falla dos Pinhaes**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v. 1, n. 1, jan./dez. 2004, p. 122-142 (IMPRESSO)

RIBEIRO, R. D. B. O Espaço no Conto Cavalinhos de Platiplanto de J. J. Veiga. **Revista de Estudios Literarios**. Universidade Complutense de Madrid. 2009. Disponível em <
<http://www.ucm.es/info/especulo/numero43/platipla.html>>. Acesso em 12 jan 2012

RIBEIRO, R. R. et al **O Romance de José J. Veiga**: a Hora dos Ruminantes e Sombra dos Reis Barbudos. [s.d.]. Impresso.

SISTO, C. **Um Outro Lugar para Estar**: o espaço mágico dos meninos de J. J. Veiga. Disponível em
http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_007. Acesso em 12 jan. 2012.

VEIGA, J. J. **Cavalinhos de Platiplanto**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.